

## DOSSIÊ

Homenagem à Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer

## Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,  
Breno Martins Campos

## Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

## Recebido

16 jun. 2024

## Versão Final

16 set. 2024

## Aprovado

19 set. 2024

# Etty Hillesum e Abraham Joshua Heschel: sobre reagir e responder ao sofrimento de Deus

## *Etty Hillesum and Abraham Joshua Heschel: About reacting and responding to God's suffering*

Maria José Caldeira do Amaral<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Laboratório de Política, Comportamento e Mídia. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: <mjc.doamaral@gmail.com>.

**Como citar este artigo:** Amaral, M. J. C. Etty Hillesum e Abraham Joshua Heschel: sobre reagir e responder ao sofrimento de Deus. *Reflexão*, v. 49, e2413444, 2024. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e13444>

### Resumo

A aproximação entre a dinâmica de uma experiência interior e uma experiência exterior, ambas enlaçadas intimamente, presentes na escrita de Etty Hillesum (1914-1943) e na filosofia da religião de Abraham Joshua Heschel (1907-1972), será abordada, neste artigo, a partir de dois conceitos desenvolvidos pelo pensador judeu, a saber, como dois estados constelados na alma humana, que estão presentes na narrativa desta jovem judia em seus diários e cartas escritos entre 1941 e 1943, período que coincide com a sua vida no atravessamento da Shoa: o maravilhamento e a perplexidade radical, ambos configurados no movimento espiritual dinamizado na condição humana miseravelmente absorvida na realidade do mistério, isto é, na condição do homem absorto ao reconhecer um Deus que sofre e que vive a procura deste homem.

**Palavras-chave:** Abraham Joshua Heschel. Condição Humana. Deus. Etty Hillesum. Mistério.

### Abstract

*The rapprochement between the dynamics of an inner experience and an outer experience, both intimately linked present in the Etty Hillesum's (1914-1943) writing and in the Abraham Joshua Heschel's (1907-1972) philosophy of religion will address two concepts developed by the Jewish thinker constituted as two states constellated in the human soul, which are present in this young Jewish woman's letters and diaries written between 1941 and 1943 and which match with her life crossing the Shoah: the wonder and the radical perplexity configured on the spiritual movement energized in the human condition miserably absorbed on the reality of the mystery, that is in the condition of the man absorbed when recognizing a God who suffers and lives in search of this man.*

**Keywords:** Abraham Joshua Heschel. Human condition. God. Etty Hillesum. Mystery.

## Introdução

Transmissões vão do teu coração ao meu  
Meu sofrimento está ligado, perpassado pelo teu  
Não sou eu mesmo tu? Não és tu mesmo eu?

[...] Eu vivo em mim em ti  
 Através dos teus lábios, fui uma palavra de mim para mim mesmo  
 Dos teus olhos goteja uma lágrima – cuja fonte está em mim  
 (Abraham Joshua Heschel: Ich un Du - Eu e Tu).

Neste artigo, estaremos ampliando as reflexões iniciadas no pequeno ensaio *O que em mim insiste em expressar é o mistério como a condição humana: Etty Hillesum e Abraham Joshua Heschel*<sup>2</sup>. Etty Hillesum, o coração pensante dos barracões, protagoniza este texto na mesma sintonia com a qual protagoniza sua experiência de vida atravessando o absurdo da Shoah. A experiência é narrada em seus diários e cartas juntamente e implicitamente com a possibilidade de realização de um desejo: uma vontade de expressar algo que não renuncia e, que em diversos momentos, pede a Deus a realização desse desejo; já escrevendo sobre esta inquietação incisiva, apreendendo-a como uma inquietação criativa apartada de uma inquietação física, Etty quer alcançar um modo de criar para dar forma a algo que a abençoe e que a torne rendida a seu desejo. Etty Hillesum está em frente ao mistério no qual deseja tocar com palavras e é justamente nesta inquietação que ela reconhece, em si mesma, o toque do sagrado:

Sou agitada, de uma estranha e diabólica inquietação que poderia ser produtiva se eu soubesse o que fazer com ela: é uma inquietação criativa, não é física – nem mesmo uma dúzia de apaixonadas noites de amor poderia acalmá-la. É quase uma inquietação sagrada. Meu Deus segura-me na tua grande mão e faz de mim seu instrumento, fazei com que eu possa escrever! [...]. Tudo é ainda caótico, não tenho fé suficiente em mim mesma ou não sinto verdadeiramente a necessidade de dizer alguma coisa. Ainda vou esperar até que tudo saia espontaneamente e encontre uma forma: mas antes, devo eu mesma encontrar a minha forma ([sexta-feira] 4 de Julho [1941]) (Hillesum, 2019, p. 17).

A escuta de um desejo de realização na vida interrompida de uma mulher pode sustentar, para nós leitores de seus diários e de suas cartas, uma hermenêutica que alcança “outro” nível de sensibilidade diante da perspectiva do mundo em agonia e do atravessamento moral que esta condição impõe ao campo da investigação sobre a condição humana. O enfrentamento paradoxal e polarizador dos desdobramentos de uma catástrofe planetária anunciada e irreversível, no mundo contemporâneo, expõe a nudez desta agonia conjunta, que revela este outro olhar, sobre o qual falamos: o ser humano contemplando a sua morte e a de seu *habitat*; mais que isso, os olhares constitutivos de uma mesma natureza contemplam entre si o próprio fracasso projetado na destruição e na morte. Este ‘entre olhar’ sugere e desvenda uma constatação que reconhece um estado de consciência, posto na experiência humana entre o estado fundamental da graça dada, e a contínua atitude humana em negá-la numa perspectiva cristã e em um Deus que sofre, na perspectiva judaica de Abraham Joshua Heschel.

Este é um estado que Heschel aponta como relacionado à maneira como ele desenvolve a ideia de Deus em busca do homem que não acredita em fundamentalismos os quais sustentam a premissa de que todos os problemas fundamentais já possuem respostas, e tampouco acredita em positivismo lógicos e formais, indiferentes aos mesmos problemas fundamentais. O homem que Deus busca não compartilha nem de um, nem de outro, rejeitando “tanto as respostas ilusórias como as falsas evasivas”; este homem apenas sabe ou deveria saber “que o derradeiro problema em questão é nossa existência, cuja relevância sobrepuja todas as formulações finais” (Heschel, 1975, p. 17). Para atravessar este ponto de partida, ou seja, o lugar no qual o homem que Deus busca está situado e ao longo do qual investiga sua vida para compreendê-la, Heschel está

<sup>2</sup> Ensaio sinteticamente apresentado como Comunicação no ST 2 - Feminino Mística e Espiritualidade, do II Colóquio Internacional Hermenêuticas do Feminino (Amaral, 2021).

atento ao pensamento conceitual e ao pensamento situacional como dois tipos de pensamentos disponíveis para tal investigação. O pensamento conceitual é um ato da razão e é adequado no empenho de um esforço para aumentar nosso conhecimento do mundo e enfrentar um objetivo independente. O pensamento situacional nos assegura a experiência interior e o envolvimento visceral na situação real e atual e na raiz da nossa contingência e, por isso, emite um julgamento sobre um problema e julgamentos específicos nos quais a própria pessoa encontra-se inserida. Nesse caso, a atitude do pensador situacional, como dirá Heschel, é a preocupação, a perspectiva da necessidade de uma compreensão de uma situação na qual existe envolvimento com temor, apreensão, responsabilidade, riscos, estupefação. Dessa forma, já estamos mais próximos desta confluência íntima que queremos apontar: como Etty Hillesum desejou, veementemente e a todo o tempo e espaço de sua vida e de sua escrita, a anuência misericordiosa de um Deus que sofre e busca o homem na profundidade desse estado sempre atualizado na vida humana, onde a graça dada está sendo continuamente negada.

Engastado entre a campina e o céu, há um pequeno vilarejo de barracões, onde existe um todo legível e compreensível:

Como posso ilustrar com algumas pinceladas sutis, suaves, mas vigorosas, aquele pequeno vilarejo de barracões entre a campina e o céu? E como possibilitar que outros leiam junto comigo as muitas pessoas que devem ser decifradas como hieróglifos, traço por traço, até que por fim vejam um todo legível e compreensível diante de si, engastado entre a campina e o céu? ([Terça-feira] 22 de setembro [1942]) (Hillesum, 2019, p. 319).

Etty quer expressar sutilmente, com vigor e suavidade, sua inserção na realidade de um holocausto, de um extermínio, para revelar a presença de um todo a ser constelado na fissura entre a compreensão e a não compreensão possíveis à perplexidade radical do ser humano refém de si mesmo e de suas mortes, ciente de um estado máximo de consciência de que o envolvimento humano com o mistério exige invariavelmente a constatação de que a condição do homem está cravada entre a trágica realidade iminente e o céu.

Existem importantes reflexões em torno da perspectiva dimensional presente no pensamento religioso de Abraham Joshua Heschel sobre a humanidade exilada de si consentindo o exílio de Deus. *A imagem divina e o pó da terra*<sup>3</sup> é a metáfora conceitual proposta por Alexandre G. Leone para denunciar esse abismo. De acordo com a pesquisa de Leone, Heschel atualiza a ideia da responsabilidade individual pelo coletivo, formulada dentro da concepção talmúdica e original da tradição bíblica profética: “A responsabilidade sobre o outro homem é decorrente da percepção de que, no texto bíblico, Deus está constantemente interessado na situação dos homens. É inclusive uma mitzvá ‘não ficar parado diante do sangue do teu próximo’” (Leone, 2002, p. 206).

A imagem divina e o pó da terra são conceitos extraídos da revelação na perspectiva situacional do homem bíblico; sendo a referência de Heschel em relação à dimensão sagrada da existência humana, na qual está posta “a possibilidade de o homem ser o veículo da ação divina na história, isto é, de ele ser agente de sua própria redenção” (Leone, 2002, p. 2013). E, nessa relação desenvolvida a partir da antropologia hescheliana, está o pó da terra como a posição alienada ao cumprimento do ser humano em relação a sua própria contingência mortal, finita, frágil, com a qual “tem menos ligação com a origem terrena e animal do ser humano do que com a perda ou a não-realização de sua humanidade” (Leone, 2002, p. 215). Diante da vida consumada em holocausto, a mística da ação de Heschel está constelada na mística de Hillesum associada a uma

<sup>3</sup> Leone (2002). Para uma ampliação da abordagem principal deste artigo, a saber, a confluência da filosofia da religião de Heschel com a narrativa de Hillesum, como crítica à religião e à ciência, ver também: Coetsier (2019).

atitude humana aliada ao sentido inerente a sua própria existência e à existência de todos. Em sua carta 23, dirigida às duas irmãs de Haia, em dezembro de 1942, ela descreve o campo de Westerbork. Etty fala da possibilidade de um sentido próprio à imagem divina e ao pó da terra, instalado no sofrimento absurdo das pessoas em trânsito à espera do ‘transporte’ e descreve esta possibilidade articulada em seu coração, ou em suas faculdades para além da razão:

Na verdade, não é fácil, e para nós, judeus, menos ainda; contudo, se nada tivermos a oferecer a um mundo no pós-guerra desolador senão os nossos corpos salvos a qualquer custo, se não conseguirmos oferecer um novo sentido nascido do fundo da nossa aflição e desespero, então, não será suficiente. Novos pensamentos terão de irradiar para fora dos próprios campos, novas perspectivas terão de espalhar lucidez, atravessando o arame farpado que nos cerca, e terão de interligar-se com as novas perspectivas que as pessoas no exterior terão de adquirir de forma igualmente sangrenta e em circunstâncias que estão a tornar-se, aos poucos, quase tão difíceis como as nossas. E, na base comum de uma busca honesta por respostas esclarecedoras para todos estes acontecimentos misteriosos, talvez a vida desconcertada possa dar um passo cauteloso em frente (Hillesum, 2009, p. 91).

Para Heschel, o holocausto é apontado como um mal só inteligível na perspectiva do livre-arbítrio dos homens, que se repete no devir da vida: “[...] a questão deve ser formulada no sentido de pensar a que ponto o processo de desespirtualização do homem moderno é parte do processo de desumanização do mesmo” (Leone, 2002, p. 213). Para Hillesum, os acontecimentos misteriosos estarão no devir da vida humana; a inquietação, a indignação e a ausência da compreensão do ser humano podem reduzir sua existência a corpos salvos em qualquer guerra e, mesmo fora desta, ou ao contrário, iluminar e elucidar as vozes desse evento e, no devir da vida, da imagem divina e do pó da terra, *emerge* a humanidade exilada de si consentindo o exílio de Deus.

### **Etty Hillesum e a filosofia da religião de Abraham Joshua Heschel**

“O jeito que o barracão às vezes ficava à noite, sob o luar feito de prata e eternidade: como um brinquedo escorregando da mão distraída de Deus ([Quarta-feira] 23 de setembro [1942])” (Hillesum, 2019, p. 324) é a expressão poética daquela que rogou a Deus ser poeta e que nós, pesquisadores de sua obra manuscrita entregue ao mundo, permanecemos quase convencidos de que isto lhe foi concedido, sem desconsiderarmos o devido ateísmo metodológico próprio e necessário a um conteúdo acadêmico a ser desenvolvido no âmbito da investigação própria a qualquer disciplina.

Com esta precaução, iniciamos, então, uma primeira aproximação entre a dinâmica de uma experiência interior e uma experiência exterior, ambas enlaçadas intimamente e presentes na escrita de Etty Hillesum e na filosofia da religião de Abraham Joshua Heschel. Hillesum está na guerra e não ignora a possibilidade de estar e de se envolver em todas as frentes nas quais pudesse dialogar com a morte silente e óbvia. Não tinha medo de ser presa ou deportada, não se sentia nas garras de ninguém e acreditava ser algo próximo da loucura o fato de possuir mais essa certeza. Era assim que vivia, sabendo que todos queriam e precisavam escapar naquele momento, enquanto ela se sentia livre, com seus pés no chão, ciente da realidade na qual a destruição e a morte sustentavam a realidade humana em sua condição esmagadora e esmagada, aniquiladora e aniquilada. Certa de que a morte está absolutamente presente em sua maneira de sentir e viver a própria vida, Etty acerta as contas com a vida, sabendo que nada tem a perder e que nada mais pode lhe acontecer, e que essa situação, de fato, não dizia respeito a ela especialmente, mas a todo seu povo judeu. Para ela, não importa se ela ou outra pessoa poderia, ou não morrer, o que importa é que pessoas estavam morrendo:

Com <<ter acertado as contas com a vida>>, quero dizer: tomei a possibilidade da morte como absoluta em minha vida, como se tivesse ampliado minha vida com a morte, por assim dizer, com o enfrentamento e a aceitação da morte, da destruição, de qualquer tipo de destruição, como parte desta vida. Portanto, por assim dizer, não oferecer desde já um pedaço desta vida à morte, com o medo da morte e a não aceitação da morte. Com a não aceitação e com todos os medos, restou à maioria das pessoas uma vida pobre e mutilada, que mal pode ser chamada de vida. Soa quase paradoxal: ao manter a morte fora de sua vida, a pessoa não vive uma vida plena, e ao incorporar a morte na sua vida, a pessoa a amplia e a enriquece ([Sexta] 3 de Julho [1942]) (Hillesum, 2019, p. 219).

Para além de qualquer proposição própria à maioria dos discursos sobre a morte, Hillesum conduz sua vida vivida entre Amsterdam e o campo de trânsito de Westerbork, com “a morte em tamanho natural, presente, como uma velha conhecida, quase silente, grande, simples e óbvia, como como uma velha conhecida, quase silente, grande, simples e óbvia, como ela mesma disse ([Sexta] 3 de julho [1942])” (Hillesum, 2019, p. 220). Sua atitude perante a guerra era uma atitude de aceitação, sem resignação ou apatia, indignada, sim, mas sabia a realidade que vivia em sua casa comum, também comum a seu povo judeu. Pensava sobre a sua casa e a casa de seu povo judeu sem abrir mão de sua experiência interior, de seu modo de vida, de sua visceralidade e, por isso, conhecia o julgamento sobre a questão da existência humana e sobre julgamentos dos quais e nos quais ela própria estava inserida: no lugar no qual o homem que Deus busca está situado e ao longo do qual investiga sua vida para compreendê-la. Etty cuidou dessa casa infiltrada no sofrimento das pessoas perseguidas, esquecidas, maltratadas e condenadas à morte no campo de Westerbork, como dela mesma e encontrou, assim, em estado de sítio, a confirmação do seu amor pela vida, como extensão de sua casa em Amsterdã, em meio a seus escritores, poetas e flores, sobre a sua escrivãzinha, onde já amava a vida, não via sua vida como interrompida por causa da guerra e, também, não sabia explicar algo que aqui estamos associando a um desdobramento próprio da perspectiva do pensamento situacional do qual nos falou Heschel: “Como é possível que meu espírito não tenha escurecido ali, mas sim se iluminado e clareado? ([Terça-feira] 22 de setembro [1942])” (Hillesum, 2019, p. 318). Etty está perplexa e indaga, com espanto, a vivência de uma claridade em seu espírito que é contrária à trágica guerra contra os judeus causou a quase todos. E esta perplexidade também passa a fazer parte do leitor de seus diários e cartas, porque a intimidade, como sinônimo de verdade, está entregue por ela a nós em sua obra pesquisada em diversos campos de investigação no mundo contemporâneo. A intimidade com a realidade na qual o ser humano está inserido é o sentido apurado do humano de Hillesum, que, segundo Heschel, é o que nos leva à familiaridade com Deus. Essa intimidade nua, da qual já havíamos nos referido no ensaio anterior (Amaral, 2021), expõe não apenas a condição humana miseravelmente absorvida na realidade do mistério, mas também, conseqüentemente, na condição do homem que Deus busca, ou seja, o ser humano perplexo que reconhece um Deus que sofre e, assim sendo, é preciso ajudá-Lo, pois “não existe nenhuma resposta para o espanto e para a perplexidade radical” (Heschel, 1975, p. 64):

[...]. Hei de ajudar-te, Deus, a que não me abandones, mas não posso assegurar nada com antecedência. [...] E essa é a única coisa que podemos salvar nestes tempos e também a única que importa: um pedacinho de ti dentro de nós, Deus. E talvez também possamos ajudar a exumar-te nos corações aflitos de outros. Sim, meu Deus, parece que não podes fazer muito em relação às circunstâncias, elas afinal são parte desta vida. Também não te chamo à responsabilidade, tu poderás nos chamar à responsabilidade mais tarde. E torna-se mais claro para mim a quase cada batida do coração: que não podes nos ajudar, mas que nós devemos te ajudar e que temos de proteger até o último instante a morada onde resides em nós. [...] Vês como cuido bem de ti? Não te trago apenas minhas lágrimas e apreensões [...] E te trarei todas as flores que encontrar no meu caminho, meu Deus, e realmente são muitas. Estarás tão bem quanto possível comigo ([Domingo] 2 de julho [1942]) (Hillesum, 2019, p. 261).

Na concepção de Heschel (1975, p. 95), “Deus é um mistério, mas o mistério não é Deus. Ele é um revelador de mistérios (Dan 2, 47). *Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz* (Dan 2, 22). Nas palavras da liturgia dos Dias de Temor: *Tú sabes os mistérios eternos e os segredos fundamentais de toda vida*”. E, na familiaridade do pensador judeu, no enfrentamento da revelação, o mistério é reverenciado como fato propulsor de uma consciência constante, um desafio para o homem se defrontar com a sua condição humana, desmedidamente humana, e reconhecê-la com assombro. Dessa maneira, participa da libertação do mundo:

O poder de Deus não é arbitrário. O Todo Poderoso – aquele que não podemos encontrar – é grande em poder, também em justiça e abundante em retidão. Ele não transgride. O que para nós, é misterioso, é eternamente significativo visto aos olhos de Deus. A natureza está sujeita a sua vontade intencional, e o homem a quem for dado compartilhar da sua sabedoria é chamado à vida responsável a ser co-participante na redenção do mundo (Heschel, 1975, p. 94).

A Etty Hillesum, foi dado compartilhar da sabedoria do Senhor para que ela pudesse expressar, com sua inquietação criativa, a interrogação que faz amiúde a si mesma:

Não sei ser diferente. Minhas batalhas são travadas interiormente com meus próprios demônios, mas lutar em meio a milhares de pessoas amedrontadas contra fanáticos ao mesmo tempo selvagens e frios como gelo, que querem nosso extermínio, não, isso não é para mim. Também não tenho medo, não sei, estou calma, às vezes é como se eu estivesse sobre o pináculo da história avistando regiões distantes. Esta parte da história, como a vivemos agora, eu também posso suportar sem sucumbir. Sei de tudo o que acontece e minha cabeça continua lúcida. E às vezes é como se uma camada de cinzas fosse espalhada sobre meu coração. E às vezes também é como se o seu rosto murchasse apodrecesse diante dos meus olhos e por feições descoradas, os séculos despencassem um após o outro no abismo, e então tudo desmorona diante dos meus olhos e meu coração deixa tudo fluir. [...] E uma vez que você comece a caminhar com Deus, então caminha sem parar, a vida inteira é um contínuo caminhar, é uma sensação extraordinária. [...] não escrevo com prazer agora, é como se neste instante cada palavra desbotasse e envelhecesse sob minhas mãos e pedisse por uma palavra seguinte, que ainda está por nascer.

Se eu pudesse escrever muito do que penso e sinto e do que às vezes, numa centelha, se torna evidente para mim sobre esta vida, sobre as pessoas e sobre Deus, então isso poderia se transformar em algo muito bonito, tenho certeza. [...] basta estender uma mão e acho as palavras, os fragmentos que meu espírito quer tomar para si como alimento naquele momento. [...] Haverá sempre um pedacinho de céu para ver em qualquer parte e haverá sempre espaço ao meu redor para que minhas mãos se cruzem em oração. [...] Na verdade não deveria ser consentido às pessoas fechar os olhos esta noite, apenas rezar ([Terça-feira] 14 de julho à noite [1942]). (Hillesum, 2019, p. 264).

As palavras que Etty encontra, bastando estender a mão, correspondem aos fragmentos que alimentam seu espírito sobre a vida, sobre as pessoas e sobre Deus. O impasse e a determinação (angústia) em escrever algo que é constelado em sua alma, a cada instante, são a extraordinária sensação com a qual caminha sem parar; essa sensação extraordinária desvela seu sentido apurado do humano à sua consciência, ora lucidamente, ora sombriamente e, em ambas as modalidades alternadas, deseja oferecer esta perplexidade radical que coincide com a experiência do maravilhamento, deseja oferecer esta perplexidade radical que coincide com a experiência do maravilhamento, como o resultado do que o homem faz com a apropriação, a assimilação e a incorporação de sua elevada incompreensão: a perplexidade radical, o espanto e o assombro – o estado de desajustamento a palavras e noções -, que “é, por conseguinte, um pré-requisito para uma autêntica consciência daquilo que é” (Heschel, 1975, p. 68).

O todo legível e compreensível presente no barracão iluminado pelo luar de prata, como um brinquedo escorrendo das mãos distraídas de Deus, não se refere a nenhum ajuste, a nenhum encaixe. Presente na inspiração poética de Hillesum, está o olhar abismado e expressivo que



apreende e alcança um Deus que sofre e destaca a evidência de uma constatação, que vai além do conhecimento:

Olho no olho, ser humano com ser humano, compreendemos que somos capazes de olhar para o mundo com duas faculdades – com a razão e com o maravilhamento. Através da primeira, tentamos explicar ou adaptar o mundo aos nossos conceitos, através da segunda, buscamos adaptar nossas mentes ao mundo. [...]. Não duvidamos que duvidamos, mas ficamos impressionados com a nossa habilidade de duvidar, impressionados com a nossa habilidade de sentirmos maravilhamento. Aquele que é indolente repreenderá a dúvida, aquele que é cego, repreenderá o maravilhamento. A dúvida pode chegar ao fim; o maravilhamento é eterno. O maravilhamento é um estado de espírito no qual não olhamos a realidade através da treliça do nosso conhecimento já memorizado, no qual nada é tomado como certo. Espiritualmente não podemos viver só reiterando um conhecimento herdado ou emprestado. Pergunte a sua alma o que ela sabe, o que ela toma como certo. Ela dirá que nada é tomado como certo; cada coisa é uma surpresa; ser é algo inacreditável. Ficamos impressionados ao ver o nada, impressionados não somente com valores ou coisas particulares, mas com a imprevisibilidade do ser tal como ele é; com o fato de que há um ser afinal (Heschel, 2023, p. 63).

Cruzamos, assim, os olhares de Heschel e de Etty, e eles nos parecem muito reveladores de uma mesma consciência. Expostos aos olhares de um rabino ortodoxo e de uma mulher judia, nada religiosa nos moldes tradicionais de sua determinação religiosa original, mas profundamente religiosa ao desenterrar Deus que estava abaixo de pedras e cascalhos dentro de sua alma, tocamos na imprevisibilidade do ser tal como ele é e no fato de que, afinal, há um ser. Heschel coloca justamente, nesse toque existencial e imprevisível, a incidência do que ele constrói como um conceito ligado a um estado de espírito, mais que ao intelecto, pois, para ele, a perplexidade radical possui um alcance mais amplo do que qualquer outra ação humana. Enquanto qualquer ato de percepção tem como objetivo um segmento selecionado da realidade, ao mesmo tempo, a perplexidade radical objetiva toda a realidade, não somente ao que vemos, mas também ao simples ato de ver como a nós mesmos, às pessoas que veem e que ficam abismadas com a própria capacidade de ver (Heschel, 1975).

Ao considerar, a experiência de vida de Etty Hillesum e a filosofia da religião de Abraham Joshua Heschel como conversáveis e frutíferas para a reflexão sobre a condição humana e sua relação com o mistério, o importante é não só projetar no ‘entre olhares’ de Heschel e de Etty o alinhamento ao arriscado conceito (estado, condição, situação) do maravilhamento como uma experiência que flui, a partir da dinâmica própria ao pensamento situacional do homem que sofre junto a seu Deus que também sofre, mas também é importante destacar a indagação incisiva e trágica iluminada no fundo desses olhares sobre o que fazer com a nossa incompreensão, ou seja, aquela que não compreendemos e pela qual somos levados a compreender. A teoria de Hillesum sobre essa condição é de que existe uma fonte primordial em si mesma, que ela passa a chamar de Deus e segue atenta a cuidar para que o “caminho até Deus seja livre, sem barricadas ([Segunda-feira] 28 de setembro [1942])” (Hillesum, 2019, p. 335). Existe um caminho para encontrar a fonte primordial dentro da alma nominada Deus, que, para Heschel, é um lugar de “um Deus do movimento que não ensina a estrutura do Ser, mas demanda uma ação no Ser” (Pondé, 2021, p. 55). Hillesum ilumina a filosofia da religião de Heschel, o discípulo dos profetas, ao mesmo tempo em que é iluminada com uma atitude coerente com as instruções proféticas clássicas da literatura hebraica bem próxima à premissa hassídica de que o *hassid* é aquele que faz mais que a lei, com a liberdade de ajudar Deus e estabelecer uma parceria entre Deus e o homem, configurada ao mistério que nos constitui tanto quanto é constituído o mistério de Deus:

Dizer que somos levados a “orar com as pernas”, quando isso significar sair em defesa dos mais vulneráveis, ou dizer que, quando Deus nos chama, não conseguimos escapar de Sua presença, não

é por acaso. Uma mística da presença divina como exigência de ação no mundo, de investimento no sofrimento e na condição humana. O afeto ou o “*pathos*” – que são a mesma coisa – são os conceitos-chaves da obra hescheliana (Pondé, 2021, p. 55).

O afeto – o *phatos* de Deus – está na perplexidade radical, no espanto e no maravilhamento alinhados a uma mística da presença de Deus voltada para a mística da ação no mundo e pontuada pelo sublime. O sublime é o caminho no qual as coisas reagem à presença de Deus, não sendo, assim, um aspecto essencial da realidade ou uma qualidade de sentimento próprio: “Existe para algo maior; existe em algo para além de si mesmo, algo que olho algum poderá ver” (Heschel, 1975, p. 61), mas que é reconhecido no mistério dessa presença: “Descobrir-se acompanhado por Deus é como entrarmos num antigo santuário silencioso, como nos diz Heschel, portanto, a reverência ao encanto divino é o fundamento espiritual, no mundo dos afetos, dessa ópera que é viver enquanto seres vocacionados à consciência de Sua presença em nós e no mundo” (Pondé, 2021, p. 56).

A escuta a Hillesum e a seu desejo de realização na ópera de sua vida, em vida, se renova no mundo atual e ressoa em nós diretamente em seu diário:

Ainda está valendo: carregar em mim a certeza de que meus desejos serão realizados, que algum dia irei à Rússia, que algum dia serei um dos pequenos elos de ligação entre a Rússia e a Europa. Essa é uma certeza em mim que não é perturbada pela nova certeza: querem nossa aniquilação. Isso eu também aceito. [...] Uma certeza não será corroída ou enfraquecida pela outra. [...] O viver e o morrer, o sofrimento e a alegria, as bolhas e os pés destruídos de tanto caminhar e o jasmim atrás do meu quintal, as perseguições, as incontáveis crueldades sem sentido, tudo e tudo é em mim como um grande todo e aceito tudo como um todo e começo a compreender cada vez melhor, assim, para mim mesma, sem que eu ainda consiga explicar a alguém, como tudo se encaixa ([Sexta à noite] 3 de julho [1942]) (Hillesum, 2019, p. 216).

Etty Hillesum deseja ser um dos pequenos elos entre a Rússia e a Europa, ou seja, o diário de Hillesum atualiza um desejo impresso em sua alma a partir de seu grande conhecimento da literatura russa e de línguas eslavas e sua ascendência russa. Mas essa atualização se dá no relato de sua vida permeada por certezas paradoxais que dizem respeito a um todo. Ela reúne o sofrimento e a alegria, a crueldade e a generosidade, a dor física e o jasmim no quintal para lidar com a sua vida, a ser interrompida em Auschwitz em 30 de novembro de 1943. Etty Hillesum enfrenta ambas as certezas: a realização de seus desejos e a sua aniquilação, sem que nem uma certeza, nem a outra possam ser excluídas de estarem sendo acompanhadas pela presença de Deus em si mesma e no mundo, reagindo às próprias exigências e àquelas do mundo:

Antes eu achava que podia produzir muitos pensamentos geniais por dia, e agora eu às vezes sou como uma terra não cultivada, onde nada cresce, mas sobre um céu baixo, silencioso. E é melhor assim. Hoje em dia, desconfio de uma pluralidade de pensamentos borbulhando em mim, às vezes prefiro ficar desaproveitada, esperando. [...] Olhei os olhos da nossa destruição, nossa suposta e catastrófica destruição, que já começou agora nas muitas pequenas coisas da vida cotidiana, e a possibilidade de isso acontecer ganhou um lugar na minha maneira de sentir a vida, sem que minha vontade de viver tenha diminuído em intensidade. Não estou amargurada e não estou revoltada, também não estou desanimada, e resignada eu definitivamente não estou ([Sexta] 3 de julho [1942]) (Hillesum, 2019, p. 218).

E esse estado de experiência na vida humana é aquele que alcança um “outro” nível de sensibilidade diante da perspectiva da vida em agonia e do atravessamento moral que essa condição impõe à vida que agoniza. Uma consciência lúcida de uma mulher que, aos 28 anos, se vê impactada diante de seu desejo e de sua impotência em descrever esse estado e essa condição, onde tudo se encaixa, sendo o estado e a condição que conduzem seu pensamento, suas entranhas e suas intuições à experiência do maravilhamento, não sem ainda constatar a experiência de viver a possibilidade de realização de seus anseios, olhando nos olhos da morte e da destruição.



## Considerações Finais

Estabelecer um diálogo entre a ortodoxia judaica, no melhor sentido que conhecemos, e uma mulher que ganhou o mundo acadêmico contemporâneo com dois livros biográficos – *Cartas* (1941-1943) e *Diários* (1941-1943) – pode se desdobrar numa conversa desigual. A erudição e a ortodoxia de Abraham Joshua Heschel, ao lado da simplicidade vigorosa e sutil de Etty Hillesum, espelhada em seus poetas e escritores assim como na revelação, foram associadas, neste contexto, ao objetivo de iluminar a penetração erudita de um discípulo dos profetas posta nesta narrativa pessoal. Não se trata de ter qualquer intencionalidade para ajustar uma filosofia da religião à experiência de vida de Hillesum, até porque esse objetivo está longe da disposição, tanto de Hillesum, que possui um posicionamento próximo ao testemunhal, quanto de Heschel, fiel à sua religião, injetando em seu pensamento a ideia do ser humano viver acompanhado de um Deus que sofre.

Assimilar o pensamento de Heschel é uma experiência, e não um percurso meramente intelectual e dogmático. Heschel era alguém que dizia ser favorável à existência de mais de uma religião, assumindo em si mesmo a posição de que, se observamos com atenção a história, parece ser a vontade de Deus, que haja mais de uma religião; sua posição em relação à política como princípio e vocação era positiva, porém, era contrária ao significado semântico da palavra política, pois, considerando a luta contra a mentira e o costume de mentir como a essência do problema da existência humana, sabia que a tragédia do nosso tempo é a desconfiança, porque, absolutamente, não amamos o próximo como a nós mesmos, mas suspeitamos do próximo como de nós mesmos. Sua desconfiança em relação aos políticos era pelo fato de saber que, em sua maioria, não pensam no que dizem, e não dizem o que pensam. Uma enfermidade muito grave instalada na humanidade, para Heschel, está no desejo e na grande paixão do ser humano em ser enganado.

O encantamento e a admiração que grandes teólogos cristãos demonstram, em suas investigações, artigos e livros, explorando a espiritualidade e a experiência mística de Etty Hillesum, são notórios e as pesquisas apontam para a confluência espiritual ao espectro religioso cristão em uma mulher que ajoelha no capacho do banheiro sujo, cogita viver num mosteiro e que reverencia o silêncio dentro dela, querendo muito entender e escrever sobre como pôde ter se iluminado diante do absurdo em que vive e sentir uma alegria penosa. Etty é uma mulher politizada do século XX e, ainda que duvide de suas posições políticas, não é indolente com suas dúvidas. Intelectual, fascinada pela literatura, analisada e adepta a teorias e práticas psicoterápicas, sua escrita foi terapêutica e orientada terapeuticamente. Suas confissões e sua autoanálise estavam em acordo com as teorias psicológicas que surgiam com força na época, especialmente sua afinidade com Carl Gustav Jung.

Nos braços de Deus e da vida, na vida de Etty Hillesum, encontramos um olhar perplexo e maravilhado ao mesmo tempo, que vem em direção a seu povo judeu, a seus leitores, a seus amigos e familiares, a todos e a nós, que, como ela, quer captar o que nela persiste em compreender a partir de sua elevada incompreensão, sendo esta justamente aquela que a conduz do caos ao todo legível e compreensível presente na humanidade exilada de si, permitindo o exílio de Deus. Com sua elevação poética, Etty sabia ser buscada por Deus e inverte o próprio cuidado e a insuficiência de si mesma e de sua condição humana, intercedendo com a oração da noite na confluência íntima de sua palavra e de seu olhar compactuado com o sublime. E, reagindo a ele, suporta o mais autêntico e contínuo diálogo com seu Deus que sofre.

## Referências

- Amaral, M. J. C. *O que em mim insiste em expressar é o mistério como a condição humana: Etty Hillesum e Abraham Joshua Heschel. Anais do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas*, v. 4, p. 37-42, 2021. Disponível em: [https://9c85a7b5-181d4f6baea45d422dcd1e6b.filesusr.com/ugd/d250be\\_a4d1cf3773ae4428b747304458eab8e3.pdf](https://9c85a7b5-181d4f6baea45d422dcd1e6b.filesusr.com/ugd/d250be_a4d1cf3773ae4428b747304458eab8e3.pdf). Acesso em: 2 jun. 2024.
- Coetsier, M. G. S. *A Heaven-Gram for World Politics: Hillesum, Heschel and Rilke Rescuing God in Exile*. Toronto: Meeting Paper, 2009. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=1449488>. Acesso em: 4 set. 2024.
- Heschel, A. J. *Deus em busca do homem*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.
- Heschel, A. J. *Escritos Essenciais/Abraham Joshua Heschel*. São Paulo: Comunidade Shalom Sinagoga Masorti de São Paulo, 2023.
- Hillesum, E. *Cartas 1941-1943*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- Hillesum, E. *Uma Vida Interrompida – Diário de Etty Hillesum, 1941-1943*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2019.
- Leone, A. G. *A imagem divina e o pó da terra: humanismo sagrado e crítica da modernidade em A. J. Heschel*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, 2002.
- Pondé, L. F. Um fragmento sobre Heschel e uma vida invadida por Deus. *In: Heschel, A. J. O último dos profetas: uma introdução ao pensamento de A. J. Heschel*. 2. ed. São Paulo: Comunidade Shalom, 2021. p. 54-56.